

SOBRE O CONGRESSO ANARQUISTA INTERNACIONAL DE 1937

O relatório de Pierre Besnard apresentado no Congresso Anarquista Internacional de 1937 pode ser encontrado aqui:

<https://fr.anarchistlibraries.net/library/besnard-pierre-l-anarcho-syndicalisme-et-l-anarchisme>

Renê Berthier
25-06-2026

A Associação Internacional dos Trabalhadores, à qual a CNT estava afiliada, realizou em Paris um plenário extraordinário de 11 a 13 de junho de 1937, pouco depois dos dias de maio em Barcelona. O relatório apresentado por Besnard (publicado em *Le Combat syndicaliste* de 11 de junho de 1937), que criticava a CNT, foi aprovado pela maioria das seções da AIT presentes.¹ Descontente, a CNT escreveu em agosto ao secretariado da AIT pedindo a destituição de Pierre Besnard, questionando sua “capacidade mental” para assumir suas funções como secretário-geral.² A crise aberta resultou em um congresso extraordinário da AIT convocado em Paris, de 6 a 17 de dezembro de 1937, onde a CNT conseguiu a demissão de Besnard e sua substituição por Horacio Prieto (CNT, Espanha), Helmut Rüdiger (FAUD, Alemanha) e Das Neves (CGTP, Portugal).

Foi durante esse congresso que Besnard apresentou um relatório que,

- 1 Para mais detalhes, veja David Berry, “Solidarité internationale antifasciste : les anarchistes français et la guerre civile d’Espagne”, <https://books.openedition.org/pupvd/35617?lang=fr>
David Berry mostra em seu estudo as divisões dentro do movimento anarquista francês entre União Anarquista, CGT-SR e Federação Anarquista Francesa sobre a questão do apoio aos libertários espanhóis.
- 2 Besnard tinha acusado a CNT de ter criado um “divórcio profundo entre as massas proletárias e os responsáveis que elas encarregaram da defesa dos seus interesses”. (Ver os artigos “Atenção” e “Recuperação necessária” na Espanha Antifascista, CNT-FAI-AIT n° 13, 21 de outubro de 1936 e 14, 24 de outubro de 1936. David Berry, que cita as palavras de Besnard, escreve sobre o assunto: “A arrogância das acusações feitas e dos conselhos propostos pelo jornal levaram à sua supressão pela CNT em janeiro de 1937”.

pela primeira vez, fazia referência *oficial* ao anarco-sindicalismo e o elevava ao status de doutrina. Neste texto, intitulado “O anarco-sindicalismo e o anarquismo. Tática e intervenção sindical”, ele explica que o anarco-sindicalismo tirava “sua doutrina do anarquismo e sua forma de organização do sindicalismo revolucionário”.

Dez anos após a publicação da “Plataforma”, Besnard se inscreve em uma linha de pensamento que visa fortalecer a organização e a eficácia do movimento anarquista. Ao evocar a necessidade de uma maior coesão e de uma ação coletiva, as reflexões que ele nos fornece em seu relatório de 1937 apresentam a contrapartida, vista do ponto de vista anarco-sindicalista, das propostas da Plataforma, especialmente sobre a questão essencial das relações entre anarquismo e anarquismo-sindicalismo, e um complemento útil às análises de Maximov. Besnard parecia esperar que o congresso resultasse na criação de uma Internacional Anarquista e que definisse seus relacionamentos com a Associação Internacional dos Trabalhadores. Para isso, Besnard se propõe a definir o anarquismo e o anarco-sindicalismo, determinar seus papéis respectivos, mostrar a identidade de suas finalidades e definir suas relações. Esse relatório constitui, de certa forma, cerca de dez anos após a publicação da Plataforma de Archinov, o equivalente sindical desta.

“O anarco-sindicalismo é um movimento orgânico e organizado”

Besnard foi muito ativo no movimento anarco-sindicalista francês do final da Primeira Guerra Mundial até a Segunda Guerra Mundial. Secretário da CGT-SR, ele escreveu várias obras sobre a teoria e a prática do sindicalismo revolucionário, notadamente *Les syndicats ouvriers et la révolution sociale*³; *Le Monde nouveau*⁴; e *L'Éthique du syndicalisme*.⁵ Ele tentou modernizar o anarco-sindicalismo e persuadir os anarquistas a apoiar os sindicatos anarco-sindicalistas sem abrir mão de sua independência e autonomia. Ele buscava alcançar uma unidade ideológica entre os anarquistas, adotando uma posição um tanto semelhante à dos plataformistas. O interesse deste texto, ainda atual, é que ele estabelece de forma clara e precisa as modalidades de uma relação entre anarquismo e anarco-sindicalismo.

Segundo Besnard, “o anarco-sindicalismo é um movimento orgânico e organizado. Ele tira sua doutrina do Anarquismo e sua forma de

3 Os sindicatos operários e a revolução social.

4 *O Mundo novo*.

5 *A Ética do sindicalismo* (Paris: CGTSR, 1938)

organização do Sindicalismo Revolucionário”; o anarco-sindicalismo é a forma orgânica que a Anarquia assume para lutar contra o capitalismo, combinando a ação para a luta reivindicatória diária e as aspirações mais elevadas dos trabalhadores. A experiência, segundo ele, mostra que “o único agrupamento realmente de classe, capaz, por seu número, sua força, os meios que possui – e pode, sozinho, fazer mover – de destruir o capitalismo e realizar o comunismo libertário, é o Sindicato. É ele que agrupa organicamente as forças manuais, técnicas e científicas”. Besnard retoma assim a essência dos temas do sindicalismo revolucionário, mas acrescenta um ponto que define mais precisamente o anarco-sindicalismo: o fim da neutralidade sindical e a oposição aos partidos políticos.

O relatório do congresso de 1937 precisa que o anarquismo revolucionário e o anarco-sindicalismo têm uma mesma finalidade, definida pela carta da AIT de 1922, que delineou “uma concepção que é comum a todos os anarco-sindicalistas do mundo.”⁶ A CNT, em acordo com a FAI, está tentando atualmente a realização disso”. Essa concepção não implica que o anarco-sindicalismo “pretende ser tudo e que nada mais deve existir ao seu lado”.

“O anarco-sindicalismo considera, ao contrário, que os homens, se não podem deixar de produzir para viver, não devem ter como único objetivo produzir. Ele admite muito sinceramente, e não hesita em proclamá-lo, que o homem tem e deve ter outras aspirações – e as mais altas – em direção ao bem, ao belo, ao melhor, e isso em todos os domínios onde ele tem acesso com suas faculdades; que organismos administrativos e sociais adequados a todas as necessidades de uma vida plena, inteira e total, funcionem com a

6 Instituto de estudos libertarios: Entrevista 2 René Berthier – 29 de jan de 2019: “Os textos fundadores da segunda A.I.T. não falam de anarcossindicalismo. De fato, os sindicalistas revolucionários que romperam com Moscou se viam como os *verdadeiros* sindicalistas revolucionários, não tinham motivos para mudar de nome. Especialmente porque a expressão ‘anarcossindicalista’ era inicialmente um insulto dirigido pelos comunistas e sindicalistas revolucionários pró-comunistas àqueles que se opunham à filiação à Internacional Sindical Vermelha. Levou vários anos para que a expressão se tornasse comum. O anarcossindicalismo como corrente existia, portanto, *na prática no início da década de 1920*, mas foi apenas entre 1925 e 1930 que o nome foi amplamente adotado, e não foi até 1937 que a expressão adquiriu um caráter ‘Oficial’, em discurso de Pierre Besnard em um congresso anarquista internacional!” <https://ielibertarios.wordpress.com/wp-content/uploads/2020/05/entrevista-rene-berthier-traducao-revisado-24-05-2020.pdf>

contribuição esclarecida e sob o controle vigilante, constante e permanente de todos.”

É assim que as comunas devem se federar regionalmente, internacionalmente “e que as confederações se associem internacionalmente como os sindicatos e suas CGTs” para realizar o “verdadeiro comunismo libertário”. Portanto, há um acordo completo entre os anarco-sindicalistas e os anarquistas-comunistas sobre a finalidade do comunismo libertário. O lugar dos trabalhadores, dos explorados, “só pode ser nos sindicatos anarco-sindicalistas e não em outro lugar”. Besnard faz aqui um comentário curioso; ele diz que é somente pela ação que o movimento anarco-sindicalista, “desviado há trinta anos” poderá recuperar “seu equilíbrio e sua força” e que os anarquistas encontrarão sua verdadeira unidade de pensamento.

Chegamos então ao que parece ser o verdadeiro objetivo do relatório apresentado por Pierre Besnard no congresso anarquista internacional de 1937: o papel dos grupos anarquistas e dos sindicatos:

“Os anarco-sindicalistas admitem perfeitamente que os grupos anarquistas-comunistas, mais móveis do que as organizações sindicais, prospectem as massas trabalhadoras; que busquem seus membros e formem militantes; que realizem uma propaganda ativa e uma intensa obra de desbravamento, com o objetivo de levar a eles, e, conseqüentemente, aos sindicatos anarco-sindicalistas, à causa da revolução social, o maior número possível de trabalhadores enganados e iludidos, até então, por todos os partidos políticos, sem exceção.”

Trata-se, diz Besnard, de uma “tarefa puramente ideológica”, de uma tarefa de propaganda, que é da responsabilidade dos grupos anarquistas-comunistas “com a condição expressa de que se identifiquem com o trabalho dos sindicatos anarco-sindicalistas, que o completem e o reforcem, para o maior bem do comunismo libertário”. Mas é bem especificado que “a responsabilidade pela decisão, pela ação e o controle delas deve atualmente pertencer aos sindicatos, agentes de execução e realização das tarefas revolucionárias”. Da mesma forma, cabe aos sindicatos “apresentar todas essas tarefas, no plano econômico, defensivo e ofensivo”. Por fim, cabe aos sindicatos “o cumprimento das tarefas econômicas revolucionárias e pós-revolucionárias porque a organização da produção é a verdadeira função dos trabalhadores”.

Por outro lado, “é lógico que as comunas, órgãos administrativos, seus serviços técnicos e sociais tenham o cuidado de distribuir a produção; de interpretar os desejos dos homens no plano social, de organizar a vida em todas as suas manifestações. A partir de agora, os grupos anarquistas têm o dever de preparar essas realizações revolucionárias.”

Besnard afirma a identidade dos objetivos dos dois correntes. Interessante, em particular, é o capítulo intitulado “O papel dos grupos anarquistas e dos sindicatos”, no qual escreve que

“o anarquismo-comunismo, verdadeira expressão do socialismo, nasceu da total carência de todos os partidos políticos; que o anarco-sindicalismo, forma moderna e ativa deste movimento, originado do anarquismo, preenche atualmente todas as tarefas positivas do anarquismo-comunismo e prepara os caminhos do comunismo libertário, do qual será o principal agente de realização; que as tarefas do anarquismo-comunismo – assim como as do anarco-sindicalismo – se esgotarão no período pós-revolucionário, quando os homens, por sua evolução e desenvolvimento de suas faculdades de compreensão, serão capazes de acessar o comunismo livre, objetivo da anarquia.”⁷

Besnard conclui sua exposição repetindo que “o movimento anarquista-comunista deve se interessar sobretudo pelas tarefas de propaganda e educação; de estudo e de vulgarização social”; que “o anarquismo ajuda o movimento anarco-sindicalista, sem se substituir a ele”.

Por fim, Besnard aborda em seu relatório (que na verdade não é um relatório, mas uma declaração de princípios) as relações entre o anarquismo e o anarco-sindicalismo – relações previstas desde o congresso constitutivo da AIT.

As relações entre os movimentos anarquistas e anarco-sindicalistas devem ser baseadas na independência, autonomia e igualdade. É desejável estabelecer contatos entre essas organizações em diferentes níveis geográficos. Para que essas relações sejam frutíferas e duradouras, elas devem se basear em uma tolerância mútua, uma identidade de doutrina e uma compreensão clara das tarefas de cada movimento. Essas tarefas são

7 Relatório de Pierre Besnard, secretário da AIT no Congresso anarquista internacional de 1937

https://monde-nouveau.net/IMG/pdf/rapport_de_pierre_besnard_1937.pdf

claramente definidas para evitar qualquer confusão. No entanto, duas condições devem ser atendidas: a unidade de doutrina dos anarquistas em cada país e a unificação dos agrupamentos anarquistas em torno do anarquismo revolucionário.

As “conclusões gerais” da intervenção de Besnard retornam à ideia de uma Internacional anarquista: ele gostaria que a unidade de doutrina e a unificação das forças anarquistas tivessem sido realizadas antes da realização do congresso. Enquanto os anarco-sindicalistas teriam alcançado esse objetivo em 1922 com a constituição da AIT, ele pede aos anarquistas revolucionários que façam o mesmo. Para isso, eles devem “romper definitivamente com as forças, supostamente democráticas, tanto políticas quanto sindicais; que afirmem que o anarquismo revolucionário, por seus objetivos, seus meios de ação e sua doutrina, não tem e não pode ter nada em comum com essas forças ditas ‘democráticas’ que são, em todos os países, os melhores servos do capitalismo”. Parece-me difícil aqui afastar a ideia de que se trata de uma tomada de distância em relação à política de colaboração governamental da CNT-FAI, mesmo que as posições radicais defendidas pela CGT-SR em relação à política da CNT na Espanha contribuam grandemente para isolar esta no movimento libertário internacional.”

Convencer os anarquistas a se juntarem ao movimento sindical

Na verdade, Besnard busca convencer os anarquistas a se juntarem ao movimento sindical, alinhando-se assim às tentativas feitas antes dele por Fernand Pelloutier e Amédée Dunois e outros.

De fato, houve vários exemplos de apelos urgentes de sindicalistas aos anarquistas para que se juntassem à luta sindical, o que não corresponde à tese de um sindicalismo revolucionário que seria uma estratégia do anarquismo, mas seria mais apropriado para designar o anarquismo como tática do sindicalismo. De fato, durante muito tempo, no final do século XIX e no início do século XX, muitos anarquistas eram hostis aos sindicatos e, em várias ocasiões, os sindicalistas revolucionários os convidaram insistentemente a se juntar à luta dos trabalhadores.

Houve o apelo quase patético de Fernand Pelloutier, publicado em *Les Temps nouveaux* em 1895, no qual o militante anarquista tenta convencer os anarquistas que ainda não estão no movimento sindical de que têm todo o seu lugar: “Assim, escreve ele, por um lado, os ‘sindicalistas’ estão hoje em estado de ouvir, estudar e receber as doutrinas libertárias; por outro lado, os anarquistas não têm que temer, ao participar do movimento corporativo, serem obrigados a abdicar de sua independência”. Esta última

observação é absolutamente surpreendente. Pelloutier está dizendo aos anarquistas:

- Por um lado: venham para os sindicatos, estamos esperando por vocês, há um lugar para vocês, os sindicalistas estão dispostos a ouvi-los, vocês não terão muito esforço a fazer.

- E por outro lado, ele lhes diz: vocês podem vir para os sindicatos sem sujar as mãos, não colocarão em questão seus grandes princípios, seu ser íntimo não será afetado.

Deve-se também citar uma “Carta aos anarquistas”, de Fernand Pelloutier, datada de 12 dezembro de 1899.⁸ Há um texto publicado em 1907, pouco antes do congresso anarquista internacional de Amsterdã, no qual Amédée Dunois chama os anarquistas a se juntarem ao movimento sindical. Mas há outros, como aquele mencionado em um relatório policial datado de 6 de novembro de 1892. Este relatório menciona a “nova tática dos anarquistas na França”: nos meios anarquistas circulava um texto convidando os militantes a se investirem no movimento sindical e estabelecer uma espécie de divisão do trabalho entre grupos específicos e sindicatos. O fato de que este documento antecipa o artigo de 1895 de Pelloutier e que data de novembro de 1892, nove meses após a fundação da Federação das Bolsas de Trabalho, da qual Pelloutier viria a ser o líder, não pode ser apenas uma coincidência: a hipótese de que foi o próprio Pelloutier quem redigiu este apelo não é extravagante.

Este documento, que circulou no movimento anarquista na época, tinha uma clareza que se destacava do jargão “anti-autoritário” que caracterizava a literatura anarquista: ele antecipava em nove anos a “Carta aos anarquistas” de Pelloutier. Este documento afirma que é “indispensável entrar cada vez mais nos sindicatos e mostrar, pelos fatos, aos proletários, nossos irmãos, que os anarquistas não pretendem se misturar ao movimento para obedecer a um sentimento de vaidade ou interesse pessoal, mas sim para lutar com eles e por eles, no interesse da emancipação comum”. É até mesmo proposto criar novos sindicatos ao lado dos que já existem, caso não seja possível entrar neles. Os redatores deste documento pareciam muito preocupados com a necessidade de “alertar constantemente os trabalhadores contra os socialistas autoritários que serão seus opressores de amanhã”. Outro ponto importante: “não se deve esperar que os trabalhadores se tornem anarquistas para ir até eles (...), deve-se ir até eles precisamente para tentar, por todos os meios, trazê-los para nós”. Finalmente, o texto chama os anarquistas a não se

8 <https://lesobscurs.com/2024/03/26/lire-la-lettre-aux-anarchistes-de-pelloutier/>

desencorajar se descobrirem entre os trabalhadores comportamentos contrários aos hábitos anarquistas, explicando que, “para convencer, é preciso primeiro saber se fazer ouvir, sem ideias preconcebidas e sem pretensões”.

Este texto é notável por dois aspectos:

- Ele dá, como o negativo de uma foto, a imagem de um movimento anarquista que vive à parte da classe trabalhadora, que não tem nenhuma atividade, que deixou o movimento socialista se estabelecer sem reagir, que não realiza atividades contra o sistema capitalista; além disso, a recomendação de não esperar que os trabalhadores se tornem anarquistas para se aproximar deles sugere que era precisamente esse tipo de atitude que era adotada no movimento anarquista, ou pelo menos em uma boa parte dele.
- Ele expõe de maneira detalhada uma estratégia de penetração dos anarquistas no movimento sindical, não apenas para fazer propaganda anarquista, mas para participar das lutas ao lado dos trabalhadores: “É muito útil ter uma participação ativa nas greves, assim como em todas as agitações operárias, recusando-se constantemente a aceitar qualquer situação de destaque. É necessário, em particular, ser sempre os primeiros na dor e no perigo.”

Parece-me evidente que este texto foi redigido por um militante “de dentro” do movimento sindical, um militante que já estava ativo no movimento sindical e que conhecia bem o movimento operário. Portanto, vemos que os militantes da época histórica do sindicalismo revolucionário se preocupavam fortemente em estabelecer um “vetor social” e faziam grandes esforços para convencer os anarquistas – muitos dos quais estavam relutantes – a contribuir com isso.

Edilene Toledo, uma historiadora brasileira, revela que no Brasil também houve apelos aos anarquistas para que se juntassem às lutas do proletariado: ela cita um artigo de A Vos do Trabalhador datado de junho de 1913, no qual se pode ler:

“Se não querem ficar isolados e impotentes, os anarquistas devem participar diretamente das lutas operárias, organizando as sociedades de resistência e orientando os trabalhadores em seus conflitos contra o Capital e o Estado. Caso contrário, outros virão se aproveitar da necessidade que os proletários têm de melhorar sua triste situação para afastá-los da verdadeira luta.”

Notável semelhança com a situação na França. Isso lança uma nova luz sobre a questão: quem, o sindicalismo ou o anarquismo, é a “estratégia” do outro? Concluímos facilmente que entre 1892 e 1907 muitos anarquistas não estavam investidos no movimento sindical, como testemunha a primeira edição dos *Temps Nouveaux* (4-10 de maio de 1895), que dá o tom:

“A emancipação humana não pode ser obra de qualquer legislação. Deve ser fruto da vontade individual. Basta que [os indivíduos] queiram ser livres para encontrar seguramente os meios para alcançá-lo.”

É essa mesma atitude que será criticada trinta anos depois pelos autores da “Plataforma”. Para a redação dos *Temps Nouveaux*, as lutas reivindicatórias (“corporativas”, como se dizia) eram qualificadas de “insuficientes”. No entanto, Pelloutier colaborou por um tempo com o jornal, introduzindo nele um pequeno sopro de ar sindicalista, pois Paul Delesalle o sucedeu, criando uma seção “O Movimento Operário” que perdurou. Amédée Dunois e Pierre Monatte substituíram então Delesalle. Até a guerra, o sindicalismo revolucionário permaneceu para o jornal o meio de luta por excelência da classe trabalhadora. A partir de 1908, outros relatórios policiais mostram que o movimento sindical havia, de certa forma, “chegado ao auge” de libertários...

Sobre a situação do movimento anarquista e suas relações com o sindicalismo, nos deparamos com uma situação paradoxal:

- Por um lado, temos o relato de um congresso que ocorreu em agosto de 1913, que tentou tardiamente unificar os grupos anarquistas franceses em uma federação, e que constatou uma desafeição dos anarquistas pelo movimento sindical.

- Por outro lado, há um relatório policial, datado de 1908, afirmando que as vendas dos jornais anarquistas estão em queda porque a maioria dos anarquistas entrou no movimento sindical!

- Finalmente, temos as declarações de um conhecido sindicalista revolucionário (mas que não tem simpatia pelos anarquistas) que constata a desafeição dos anarquistas em relação ao sindicato.

Estamos diante de um paradoxo baseado em várias fontes:

- As declarações feitas durante o congresso anarquista. Os *Temps Nouveaux* de 23 de agosto de 1913 faz o balanço do congresso e reconhece a necessidade de “se misturar aos sindicatos para semear sentimentos

revolucionários e a ideia da greve geral expropriadora.” Mas questiona-se se os anarquistas fizeram o que era necessário para se estabelecer no movimento sindical: “Por outro lado, como é evidente que, há algum tempo, a influência exercida por nossos camaradas sobre o movimento sindical diminuiu sensivelmente, tornou-se também necessário nos perguntarmos se sempre fizemos no sindicato o que deveríamos fazer.”

- Um relatório policial datado de 1908 relaciona a queda das vendas do *Libertaire* ao fato de que “a totalidade ou quase de seus leitores agora são sindicalistas e não encontram mais o que os interesse neste jornal.” Este relatório diz que “a situação do jornal ‘*Le Libertaire*’ é absolutamente desesperadora”; “...ele não responde mais a nenhuma necessidade; o tipo anarquista que representa praticamente não existe mais. Atualmente, quase todos os anarquistas são sindicalistas e antimilitaristas antes de tudo, e os jornais que representam essas concepções e métodos de ação não faltam e oferecem mais interesse do que o ‘*Libertaire*’ que, apesar de todos os seus esforços, não conseguiu se alinhar completamente.” Este é um diagnóstico que revela com bastante precisão a situação do movimento anarquista da época.

O relatório continua: “Certamente, ainda há anarquistas não sindicalistas, mas não em número suficiente para sustentar um jornal, e precisamente para esses também o ‘*Libertaire*’ não apresenta mais interesse, tendo tentado demais fazer sindicalismo. Em resumo, ele é muito sindicalista para os anarquistas puros, e não o suficiente para os outros.”

O relatório policial é pessimista sobre o futuro do jornal: “Sébastien Faure intervirá, sem dúvida, ainda para adiar seu desaparecimento definitivo, mas esse desaparecimento é fatal. Apenas *L’Anarchie*, apesar dos desentendimentos de seus redatores e sua falta quase absoluta de leitores, continua a ter uma boa situação financeira, graças a seus recursos misteriosos.” (Eu enfatizo.) Não nos deteremos mais para saber em que consistem esses “recursos misteriosos”.

- Alfred Rosmer, um militante que não pode ser suspeitado de simpatias pelo anarquismo, vê as coisas de outra maneira. Ele escreve na *L’Internationale* de 27 de setembro de 1912 que “a maior parte deles [os anarquistas] não está na CGT. Eles estão fora da CGT porque não são ou não podem ser sindicalistas.” Em outras palavras: os anarquistas não são assalariados, portanto não estão sindicalizados.

Temos, portanto, por um lado, um relatório policial que diz, esquematicamente, que os anarquistas migraram em massa para o sindicalismo. Mas, por outro lado, temos duas declarações que sugerem o contrário. Então, em quem acreditar? No relator do congresso anarquista de

1913, que provavelmente não tem muito a ver com o movimento sindical? No relatório policial? No sindicalista revolucionário Rosmer, que tem pouca simpatia pelos anarquistas?

Quem está certo? O policial, ou o sindicalista revolucionário e o *Le Libertaire*? Na verdade, os três estão certos, desde que consideremos que o primeiro se coloca de um ponto de vista aritmético, enquanto Rosmer e o *Libertaire* se situam numa perspectiva “sociológica”. Ambos não falam, de fato, da mesma coisa. Quando o policial diz que as vendas da imprensa anarquista caíram, há toda razão para acreditar que ele tem as informações corretas para afirmar tal coisa.

Quando Rosmer diz em 1912 que a maioria dos anarquistas não está na CGT, ele fala dos anarquistas que, naquela época, são identificáveis como tais, aqueles que estão nos grupos específicos e cuja maioria não pode se sindicalizar – nesse ponto ele provavelmente está certo. Mas em sua fala, ele esquece a massa de anarquistas que aderiram à CGT, muitas vezes há muito tempo, e que não são mais identificáveis como anarquistas, mas como sindicalistas revolucionários. São esses mesmos anarquistas que não verão a necessidade de construir uma organização específica para defender a organização sindical contra as tentativas de controle dos partidos de esquerda.

E quando o *Libertaire* se pergunta durante o congresso de 1913 sobre a diminuição da influência dos anarquistas no movimento sindical, isso soa quase como um mea culpa. No entanto, os anarquistas ainda estão presentes, pois, apesar do congresso de Amiens que ofuscou o antimilitarismo, as resoluções antimilitaristas propostas pela iniciativa dos delegados anarquistas ainda recebem, até 1914, um número considerável de votos nos congressos.

O relatório do congresso feito pelos *Temps Nouveaux* em 23 de agosto de 1913, e os comentários que se seguem, discorrem longamente sobre a questão sindical. Lê-se que “é importante que os anarquistas se misturem aos sindicatos para semear sentimentos revolucionários e a ideia da greve geral expropriadora”. É bem a hora de sugerir aos anarquistas que “se misturem aos sindicatos”, enquanto o movimento específico havia abandonado o terreno sindical para a corrente reformista em ascensão, se retrancando atrás da atitude maximalista que pregava “a revolução ou nada” e deixando os anarco-sindicalistas se desenrolarem com a luta cotidiana.

Após este congresso de 1913, que finalmente viu o estabelecimento de uma (relativa) coesão entre os anarquistas franceses, realizaram-se muitas conferências regionais. Notemos, no entanto, que a federação do Sudeste, que realizou seu congresso em Lyon, admitia todas as tendências – incluindo os individualistas – mas se opunha à ação sindical. A questão

estava, portanto, longe de ser resolvida no movimento libertário.

Resta, no entanto, que o número total de militantes anarquistas deveria ser muito limitado (segundo Maitron,⁹ cerca de 4000 em todas as tendências), e o número total de militantes anarquistas investidos na CGT ainda mais limitado – o que nos torna ainda mais admirativos ao pensarmos na influência que eles exerceram lá. Essa influência só pode ser compreendida por seu investimento extremo na ação, mas também, certamente, porque os militantes libertários no movimento sindical tinham ao seu redor uma “corrente” importante, feita de círculos concêntricos de simpatizantes, que eles influenciavam. É talvez a própria importância dessa “corrente” que fez com que os militantes libertários não acreditassem que deveria haver uma tendência organizada dentro da CGT, que não parecia, sem dúvida, necessária em um período ascendente, mas que, em um período de refluxo, teria permitido limitar a hemorragia de filiados, conservar posições (o “vetor social”) e, mais tarde, lutar contra a infiltração das frações comunistas na CGT.

Durante uma troca de correspondência, em 12 de outubro de 2015, com Vincent Dubuc, responsável pelo site *lapresseanarchiste.com*, ele me informou que um inventário por departamento elaborado pela polícia no início de 1894 indicava 3005 anarquistas (França e departamentos da África do Norte, admiraremos a precisão do número). Esse número é sem dúvida lacunar, mas permite ter uma estimativa. Na mesma troca de correspondência, soube que um relatório policial indicava que o *Libertaire* tinha uma tiragem de mais ou menos 9.000 exemplares por semana em 1898 para 320/340 assinantes – o que sugere que as vendas militantes devem ter sido importantes.

No lado do sindicalismo revolucionário, *La Vie ouvrière*, fundada por Monatte em 1909 e que representava então a quintessência do sindicalismo revolucionário, tinha uma tiragem de 2000 exemplares. A *Voix du Peuple*, o semanário da CGT fundado em dezembro de 1900 e que Émile Pouget cuidou até 1908, mostraria um déficit de 8.000 francos em setembro de 1901; mediremos a magnitude desse déficit sabendo que o orçamento confederal na época era de cerca de 4.000 francos... A tiragem, inicialmente prevista para 12.000 exemplares, passou para 8.000 em 1901 e depois para 5.000 em 1902, com uma tiragem média de 4.780 exemplares, segundo Pouget. A queda da difusão só foi contida porque o congresso de Montpellier impôs aos sindicatos confederados a assinatura do jornal, que manteve uma tonalidade anarquista, para grande descontentamento da corrente reformista da Confederação.

9 *Le mouvement anarchiste en France, des origines à 1914*, tome 1, Paris, Éditions Maspéro, 1975

Se nos limitarmos às tiragens dos jornais, e se admitirmos que essas tiragens permaneceram constantes durante dez anos, e sabendo também que o *Libertaire* não era o único jornal anarquista em circulação, constatamos que a corrente anarquista e a corrente sindicalista revolucionária tinham tiragens de ordem comparável. Mesmo que admitamos que um exemplar de *La Vie ouvrière* fosse lido por várias pessoas, isso dá uma ideia da relação numérica dos militantes sindicalistas revolucionários em relação aos 600.000 filiados da CGT.

Quando entramos um pouco mais a fundo nas questões e examinamos os fatos (os fatos reais, não os fatos “alternativos”), vemos, portanto, uma realidade em movimento, que pouco se encaixa nas ideias preconcebidas; uma realidade que corresponde pouco às declarações peremptórias. Assim, saber se o sindicalismo revolucionário é uma “estratégia” do anarquismo não tem mais importância. Compreendemos apenas que o sindicalismo revolucionário e o anarquismo têm uma história entrelaçada, cujas peripécias se cruzam, feita de atração e repulsão.

À véspera da guerra, os dias gloriosos do sindicalismo revolucionário estavam há vários anos no passado. A CGT havia sofrido uma sequência dramática de fracassos, incluindo a greve dos ferroviários de 1910 e a greve dos motoristas de táxi de Paris de 1911-1912. Os efetivos da Confederação caíram de 700.000 para 300.000 entre 1912 e 1914. A força emergente agora é a Seção Francesa da Internacional Socialista (SFIO) – em outras palavras, o Partido Socialista, cujos efetivos triplicaram desde sua criação em 1905. A unificação do movimento socialista criou um novo polo de identificação para a classe trabalhadora.

No entanto, os anarquistas ainda estão bem presentes, pois, apesar da Carta de Amiens que ofuscou o antimilitarismo, as resoluções contra a guerra, propostas pelos anarquistas, ainda recebem até 1914 um número considerável de votos nos congressos.